

IN MEMORIAM

Aníbal Pinto de Castro (1938-2010)

Átropos exerceu o seu mester e Calíope perdeu um dos seus mais exímios cultores. A voz, muitas vezes considerada altíssima e grandiloquente como a tuba canora, esvaneceu-se e calou-se. Assim desapareceu um dos maiores vultos das Humanidades da Universidade Portuguesa dos nossos tempos. Era o último de uma série de grandes Mestres da área dos Estudos Literários, em que pontificaram nomes como os de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Mendes dos Remédios, Manuel Lopes de Almeida, Álvaro Júlio da Costa Pimpão, Herculano de Carvalho e Paiva Boléo. Tinha sido com esses vultos que Aníbal Pinto de Castro tinha feito a sua aprendizagem e se tornara a figura que hoje veneramos e que deixou marca no mundo académico, merecedor das múltiplas homenagens que lhe foram e são tributadas. Faleceu no dia 8 de Outubro de 2010.

Desde que nasceu, a 17 de Janeiro de 1938, em Cernache, burilou o seu trajecto de vida, construiu a pulso a sua carreira, estabeleceu objectivos e cumpriu o seu destino. Foi o percurso de alguém que se confundiu com o da comunidade em que se inseriu. Alguém que procurou sempre transcender os limites e buscar mais alto e mais além, optando por pisar as sendas da existência numa busca constante da perfeição, para fruir o desafio de saborear o fruto da Árvore do Conhecimento. Alguém, cujos méritos foram e são reconhecidos pela sua competência e sabedoria. Mas antes, e sobretudo também, pela disponibilidade e qualidades humanas que sempre evidenciou ao longo dos anos. Não admira por isso que, por vezes, seja esta faceta de *servidor de causas* que mais seja posta em relevo, sem que a vertente literária seja esquecida.

A mãe moldou a sua vocação religiosa e o empenho na obra social. Do pai, enrijecido com as agruras da vida, herdou a dureza e a austeridade.

Depois de ter frequentado a escola primária na freguesia, fez os seus estudos secundários no Liceu Normal de D. João III, em Coimbra, matriculando-se depois na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde viria a licenciar-se em Filologia Românica, com 18 valores, em 1960, para o que apresentou a tese, logo impressa, *Balzac em Portugal*.

Graças a uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian, segue de imediato para Florença, e, entre Dezembro de 1960 e Julho de 1961, frequenta cursos de Literatura Italiana, iniciando simultaneamente a investigação com vista à elaboração da tese de Doutoramento.

Contratado Assistente da mesma Faculdade em 1961, é incorporado, logo a seguir, no serviço militar, e só regressa à actividade académica em Agosto de 1964.

Em 1973, conclui as provas para a obtenção do grau de Doutor em Letras, na especialidade de Literatura Portuguesa, com a dissertação *Retórica e teorização em Portugal. Do Humanismo ao Neoclassicismo*, tendo obtido a classificação de “Aprovado com distinção e louvor”, por unanimidade. Em 1978, fez concurso para Professor Extraordinário, no qual foi aprovado por unanimidade, e tornou-se, a partir de 1982, Professor Catedrático.

De uma dedicação institucional inextinguível, viu-se afastado da actividade docente, no período de maior convulsão política a seguir ao 25 de Abril de 1974, tempo que sempre recordaria com amargura. Desenvolveu, como seria de esperar de tão promissor escolar, uma intensa e vasta actividade docente, regendo cadeiras de Literatura Francesa, Literatura Portuguesa e Estudos Camonianos. Com a criação dos Cursos de Mestrado, assegurou ininterruptamente seminários em vários desses cursos das áreas de Literatura Portuguesa, tanto em Estudos Românicos, como em Estudos Clássicos.

A sua actividade docente (assim como a científica) no domínio da Literatura Portuguesa centrou-se, fundamentalmente, nas épocas medieval, renascentista, maneirista e barroca. Regeu, desde a sua criação, seminários dos cursos de Mestrado em Literatura Portuguesa (de que foi coordenador de 1987 a 2004) e em Estudos Clássicos.

De igual modo, leccionou em cursos de graduação e de pós-graduação nas Universidades do Minho, dos Açores, Católica Portuguesa, Federal Fluminense (Brasil), Internacional Menéndez Pelayo (Espanha), entre outras instituições de Ensino Superior.

Orientou cerca de duas dezenas de teses de Doutoramento e mais de três dezenas das de Mestrado nas Universidades de Coimbra, Lisboa, Minho, Évora e Madeira, cujos temas abrangem a generalidade dos períodos da Literatura Portuguesa e algumas integram-se inclusivamente no âmbito da Literatura Comparada.

Dirigiu também, de 1985 a 1992, o Curso de Especialização em Ciências Documentais na Faculdade de Letras de Coimbra.

Ao longo da sua vida académica, proferiu lições e conferências em numerosas Universidades estrangeiras, nomeadamente do Brasil, França, Espanha, Itália, Inglaterra, Áustria e Venezuela. Inúmeros foram igualmente os congressos e reuniões científicas, dentro e fora de Portugal, em que apresentou e discutiu comunicações sobre matérias da sua especialidade.

Na figura de Aníbal Pinto de Castro reconhecem-se, pois, os méritos de um grande Homem e de um grande Mestre para múltiplas gerações de estudantes que passaram pelos bancos da Universidade e que com ele conviveram, num contacto mais ou menos directo, respeitando nele o rigor da sua batuta, a exigência dos seus vastos conhecimentos, mas também o calor humano que punha nas relações com todos aqueles com quem de mais perto privava.

Da sua actividade docente e de investigação, resultou uma bibliografia que conta cerca de duas centenas de títulos. Investigou, como poucos, a Literatura Portuguesa das épocas medieval, renascentista, maneirista e barroca..., até à Pós-Modernidade, e iniciou largas dezenas de investigadores, nacionais e estrangeiros, nesses campos do saber.

O seu percurso de investigador exemplar foi, como seria de esperar, várias vezes apontado e as respectivas etapas que o constituíram postas em relevo.

A dissertação de licenciatura, *Balzac em Portugal*, foi, ao tempo, uma obra pioneira, ao aplicar intuitivamente as regras que a teoria da recepção viria a formular e sistematizar, superando a excessiva estreiteza da noção

de influência. Contudo, os estudos balzaquianos vêem-se substituídos logo depois por outro campo de interesses, porventura ainda mais amplo: a literatura portuguesa, do Humanismo ao Classicismo. Três séculos examinados na perspectiva dos estudos de Retórica e da Teorização Literária em Portugal constituem a matéria da tese de doutoramento, trabalho de grande envergadura ainda hoje incontornável. Trata-se de uma obra que abre caminho e que, no seu tempo, revela novos trilhos dos estudos literários. A originalidade da sua abordagem, para além do olhar que dirige sobre a Retórica e a teoria literárias, deve-se também já à aplicação, no período de apogeu do Formalismo, de conceitos como *figura* e *código*, decorrendo daí uma nova luz que projecta na situação histórica onde esses conceitos alcançavam a sua verdadeira inteligibilidade, e assim forjando uma síntese reconciliatória entre História e Estrutura.

Outros dos traços distintivos da sua personalidade científica foi a enorme capacidade de síntese, que se manifesta na imensa bibliografia de sua lavra, de incontáveis estudos saídos em revistas e publicações colectivas. Da recomposição desses *membra disjecta* multiplicados em centenas de colóquios e de conferências surge todo um corpo sistematizado de doutrina, firme e, simultaneamente, flexível.

Como Maria Vitalina Leal de Matos afirma, foi Aníbal Pinto de Castro “formado na disciplina dos Estudos Filológicos e da Investigação Literária Tradicional. Recolhendo a melhor herança desta tradição – o método histórico-literário e o ágil manuseio da pesquisa erudita –, concilia-a com o que de mais válido resultou da elaboração teórico-literária do séc. XX, adoptando em face da obra literária a perspectiva que se centra na obra em si mesma, e selecciona os métodos e os instrumentos de análise que melhor se adequam aos seus objectivos”.

A sua obra ensaística distribui-se por um vasto leque de domínios. Deixando de lado numerosos estudos (sobre D. João I, António Ferreira, Aquiles Estaço, Fernão Mendes Pinto, D. Fr. Amador Arrais, Frei Luís de Sousa, a Marquesa de Alorna, J. Anastácio da Cunha, António Nobre, Eugénio de Castro, Afonso Lopes Vieira, Eça de Queiroz, Hipólito Raposo, o Pré-Romantismo, entre outros ainda), vemo-la incidir principalmente sobre: a literatura portuguesa dos séculos XV e XVI, com relevo para os estudos camonianos e para os que se referem à Poética e Retórica;

sobre a literatura portuguesa oitocentista, onde avultam os trabalhos dedicados a Camilo, passando ainda pelo teatro barroco e neoclássico, bem como pela oratória sagrada.

Para além da literatura comparada, onde, depois da sua tese de Licenciatura, publicou ainda “Notas sobre a recepção de Sannazzaro em Portugal” (Lisboa, 1984), entre outros artigos; e da crítica textual, campo onde, não contando com edições (sempre acompanhadas de longos estudos introdutórios) de obras de Eça de Queirós, Fr. Luís de Sousa, Fernão Mendes Pinto, Diogo Bernardes e Fr. Rafael de Jesus e do trabalho que desenvolveu como coordenador das edições nacionais das obras de Camilo Castelo Branco e do P.e António Vieira, publicou os artigos: “Gil Vicente. As suas edições e os textos” (Porto, 1965), “Uma grande edição camonianiana” (Paris, 1974), “Uma edição crítica da Menina e Moça de Bernardim Ribeiro. Problemas e soluções” (Paris, 1986), “O *Índice do Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro*. Facsímile e leitura diplomática” (Coimbra, 1988), etc., outros domínios mereceram a atenção mais demorada de Aníbal Pinto de Castro.

O facto de ter desbravado na sua dissertação de doutoramento, *Retórica e teorização literária em Portugal. Do humanismo ao classicismo* (1973), três séculos de história literária conferiu-lhe uma invulgar competência para integrar e compreender autores de tão diferentes épocas. Efectivamente, a visão do travejamento intelectual e técnico-literário desse longo período permitiu-lhe entender o fenómeno literário a partir de uma das suas condicionantes mais íntimas e menos estudadas. Trata-se, por conseguinte, de um estudo magistral cujo núcleo consiste na averiguação do papel da retórica no ensino, na formação humanística e, particularmente, na formação da doutrina literária, constituindo um contributo a partir de então imprescindível para o conhecimento dos códigos e do gosto literário do período que vai do Renascimento ao Neoclassicismo português. Na sequência desse seu trabalho e, no âmbito do estudo da teorização literária portuguesa, publicou os artigos “Alguns aspectos da teorização no Neoclassicismo português” (Braga, 1974), “Aquiles Estaço, o primeiro comendador da *Arte poética* de Horácio” (Paris, 1976), “La Poétique et la Rhétorique dans la pédagogie et dans la littérature de l’Humanisme portugais” (Paris, 1984) e “Os códigos poéticos em Portugal do Renascimento ao Barroco. Seus fundamentos. Seus conteúdos. Sua evolução” (Coimbra, 1985).

Outra área de eleição é o estudo atento da oratória sagrada, com relevo para a obra do Pe António Vieira, e tendo em atenção a pedagogia dos jesuítas, o seu papel no ensino e na evolução do gosto, bem como a sua contribuição para a génese do cultismo e do conceptismo barrocos. Definiu, nesta área, o método português de pregar, chamando a atenção para a importância da tópica, particularmente no que se refere ao conceito predicável. Sobre a figura e a obra do Pe Vieira, para além do capítulo consagrado a esse método de pregar na sua dissertação de Doutoramento e de escritos menores, publicou os artigos “O Padre António Vieira e Cosme III de Médicis” (com quatro cartas inéditas, Coimbra, 1963); “Padre António Vieira nella Roma di Clemente X” (Roma, 1997); “Os Sermões de Vieira: da palavra dita à palavra escrita”, in *Vieira escritor* (Lisboa, 1997); e o livro *O Padre António Vieira, síntese do Barroco luso-brasileiro* (Lisboa, 1997). Ao longo desta obra, o autor dá a conhecer um enorme acervo documental, muito dele inédito, desbravando assim um domínio praticamente virgem, e pondo ao alcance do estudioso textos e instrumentos de pesquisa desconhecidos.

Nos estudos camonianos, os temas – mesmo que muito debatidos – sofrem uma revisão crítica que lhes renova a substância. Sirva de exemplo, “Camões e a tradição poética peninsular” (Ponta Delgada, 1984), que estabelece o estado da questão, avaliando cada tese à luz dos mais recentes estudos e do seu bem fundado critério, de modo que o problema fica reequacionado em novos termos: a poesia de Camões relaciona-se com a tradição poética peninsular através da poesia cortesanesca representada no *Cancioneiro geral* de Garcia de Resende, bem como nas colectâneas castelhanas coevas, mas não de modo directo com a lírica trovadoresca. Saliente-se também, neste contexto, a publicação da *Micrologia camoniana* (Lisboa, 1982), de J. Franco Barreto, cujo exacto valor, na sua época e para o leitor actual, é rigorosamente apreciado no prefácio, trazendo, por consequência, um valioso contributo para os estudos camonianos: um elemento de consulta útil para a elucidação dos passos difíceis, sobretudo da lírica, que não tem tido, tal como a épica, edições exaustivamente anotadas. Para além de estudos já citados, cumpre mencionar “O episódio do Adamastor: seu lugar e significado na estrutura de *Os Lusíadas*” (Lisboa, 1972), “Camões e a língua portuguesa” (Lisboa, 1980), “Camões,

poeta pelo mundo em pedaços repartido” (Lisboa, 1980), “A recepção de Camões no Neoclassicismo português” (Coimbra, 1985), entre outros. Grande parte destes artigos vêm posteriormente a ser coligidos no volume intitulado *Páginas de um honesto estudo camoniano* (Coimbra, 2007).

Nos estudos camilianos, Aníbal de Castro privilegiou a análise dos processos narrativos, estudando as diversas soluções que o romancista adopta, e que se alteram com as fases da obra, esboçando uma teoria completa da narrativa camiliana. Estes estudos esclarecem aspectos do maior alcance, como a intromissão do escritor na narração, a verosimilhança, os movimentos narrativos e os ritmos da novela, o ideário estético do romancista, as relações do autor com o público, etc... O crítico, além de apetrechado com a moderna ferramenta da narratologia, possui ainda uma invulgar competência na análise retórica do discurso – mais pertinente do que se poderia supor para a análise do desenrolar da narração. Outro vector consiste na observação das interrelações da realidade, da história e da ficção no universo romanesco. Analisa-se aí o trabalho da mimese literária, observando como os dados da objectividade factual são refundidos na ficção, condicionados também pelos cânones da novelística romântica. Por último, a obra camiliana é ainda abordada na perspectiva histórico-literária, o que, além de fazer progredir a pesquisa em certos pontos, conduz ao estudo da temática, dos valores e dos heróis românticos. Nesta área, publicou, entre outros, os seguintes trabalhos: *Narrador, tempo e leitor na novela camiliana* (Vila Nova de Famalicão, 1976; 2.^a ed., 1995), o estudo histórico-literário que antecede a edição do *Amor de perdição* (Porto/Rio de Janeiro, 1983), “Jacinto do Prado Coelho, camilianista” (Seide, 1984), “Da realidade à ficção na novela camiliana” (1985), “Da história à ficção na novela camiliana. Uma leitura de *O Senhor do Paço de Ninães* em clave de intertextualidade” (Lisboa, 1986), “A paisagem do Minho na ficção camiliana” (Seide, 1988), “Camilo, o Brasil e os *Brasileiros*” (Rio de Janeiro, 1991), “Para uma teoria camiliana da ficção narrativa” (Paris, 1991), “Camilo Castelo Branco. Cem anos de actualidade” (Porto, 1992), etc.

Em muitos dos seus trabalhos, a par da investigação realizada, rasgam-se horizontes à investigação por fazer: inventariam-se e descrevem-se sumariamente os materiais existentes, e planificam-se as tarefas necessárias.

Isso tudo, possível graças à sua visão do conjunto e à consciência das lacunas existentes nos estudos literários em Portugal, bem como à experiência da actividade investigadora, perita em detectar os problemas e em apontar as pistas.

A par de toda essa actividade docente e científica, dirigiu, durante vários anos, o Instituto de Língua e Literatura Portuguesas da sua Faculdade, onde foi ainda director do Instituto de Estudos Italianos e do Instituto de Estudos Espanhóis. Nomeado Director Adjunto da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra em 1984, passou em 1987 a Director titular, cargo que exerceu até 2004. Dessa sua actividade como director da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra deve salientar-se o cuidado e o afincos postos na aquisição de fundos bibliográficos preciosos que – se não preservados na totalidade – se arriscariam a ser dispersados em leilões ou a ser comprados por bibliotecas estrangeiras.

Outros cargos relacionados com a sua especialidade científica ou com a sua actividade universitária contaram com o seu enriquecedor contributo. Coordenou cientificamente o Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos e dirigiu as edições nacionais das obras completas do Padre António Vieira e de Camilo Castelo Branco. Foi membro do Conselho Editorial da Imprensa Nacional/Casa da Moeda e do Conselho Superior das Bibliotecas Portuguesas, em representação do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas. Integrou a direcção da *Verbo. Enciclopédia luso-brasileira de cultura* e de *Biblos. Enciclopédia Verbo das literaturas de língua portuguesa*. O seu saber e competência levaram-no a ser membro do conselho científico da revista *Crítica del Texto*, publicada pelo Departamento de Filologia Românica da Faculdade de Letras da Universidade de Roma (“La Sapienza”), e da Revista de *Estudos Italianos em Portugal*, publicada pelo Instituto Italiano de Cultura em Portugal.

Desde 1996 e até ao fim da vida, desempenhou igualmente as funções de Director da Casa-Museu de Camilo Castelo Branco, em S. Miguel de Seide, e do Centro de Estudos Camilianos que lhe está ligado, sendo ainda membro do Conselho de Administração da Fundação Cupertino de Miranda.

Foi Académico efectivo da Academia das Ciências de Lisboa, Académico de número da Academia Portuguesa da História, da Real Academia da

História de Espanha, da Academia Nacional de História da Venezuela, da Sociedade de Geografia de Lisboa, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (Rio de Janeiro), sócio de mérito do Instituto Cultural de Ponta Delgada, entre outras agremiações, como o Liceu Literário Português do Rio de Janeiro. Com semelhante curriculum, não admira que tenha sido admitido como membro da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa, tendo ocupado o cargo de Presidente da respectiva Direcção; “Honorary Senior Research Fellow” do *Institute of Romance Studies* da Universidade de Londres e pertencido à Sociedade Internacional de História da Retórica, bem como à Sociedade Internacional de Literatura Comparada.

Em Abril de 1998, foi galardoado com o Prémio Internacional de Crítica Literária Jacinto do Prado Coelho, atribuído pelo Centro Português da Associação Internacional de Críticos Literários.

Como Cristina Robalo Cordeiro afirmou, talvez esta Figura merecesse uma época mais heróica ou mais épica, adequada à sua envergadura e às suas exigências. “Todavia, abraçou totalmente esta nossa época, como inteiramente também desposou os destinos da Faculdade de Letras, em particular, e da Universidade Coimbra, em geral, para o melhor e para o pior. A sua biografia confunde-se com a história da nossa casa desde há quase 50 anos: nenhum dos dramas, nenhuma das alegrias, nenhuma das iniquidades, nenhuma das grandezas da nossa escola lhe é estranha ou indiferente. Que o mesmo é dizer que o Doutor Aníbal de Castro é uma parte de cada um de nós, tanto no plano tão ambivalente das paixões humanas como num outro, mais racional, dos valores propriamente universitários, desses valores do espírito de que foi às vezes mártir e sempre testemunha!”.

Homem de Cultura e de Fé, dotado de uma forte personalidade e de uma profunda sensibilidade, Aníbal Pinto de Castro foi, para todos quantos com ele conviveram e privaram, um modelo de humanidade e filantropia.

As letras não lhe esgotaram nem o dinamismo, nem o rumo que impôs a si próprio. A sua especial percepção das questões sociais encontrou na Casa da Infância Dr. Elysio de Moura, onde desempenhou as funções de Presidente da Direcção durante um quartel de século, o espaço ideal para

se afirmar como grande Humanista. E as jovens da instituição encontraram nele um guia que, ao ritmo de uma elevada exigência no domínio do rigor e da ética, se lhes não condicionou o futuro, pelo menos moldou-lhes o destino. Numa coerência de pensamento e ação, e revelando-se inconformado com as imperfeições do mundo, foram também os caminhos da Fé e da prática religiosa que o levaram a aceitar o cargo de Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Coimbra, desde 2004, e a assumir as responsabilidades de Presidente da Mesa da Confraria da Rainha Santa Isabel, instituições que muito beneficiaram com a ação da sua singular personalidade. Fora da sua cidade de eleição, foi ainda nomeado Comendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição, de Vila Viçosa, passando a exercer as funções de Chanceler, em 2002. No seguimento deste público reconhecimento, é feito Cavaleiro da Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém, assim como da Ordem de Nossa Senhora da Oliveira, de Guimarães.

Ao longo do seu percurso de vida, a ligação à Itália, assim como à literatura e cultura italianas, sempre mereceram um interesse e um carinho especiais. Certamente teria sido a sua deslocação para Florença, na juventude, visando trabalhos de investigação com vista à preparação da tese de Doutoramento, que lhe revelou a riqueza e o fascínio dos autores, das obras, da arte, dos monumentos, enfim, tudo quanto a Itália pode representar para um escolar. Essa paixão foi depois aprofundada com o manancial de textos estudados na tese de Doutoramento e em conferências e ensaios, em que se debruçou sobre escritores como Sannazaro (“Notas sobre a recepção de Sannazaro em Portugal”, 1984; “Prefácio” a Rita Marnoto, *A “Arcadia” de Sannazaro e o bucolismo*, 1995) ou Corrado Alvaro (“Modernidade e modernização de um mito: a *Lunga notte di Medea* de Alvaro”, 1991), figuras como Giacinto Manupella (“Giacinto Manupella, um humanista moderno”, 1976), e em temas relacionados com as relações culturais entre Portugal e a Itália (“La teoria poetica italiana e la formazione dei codici letterari del Barocco portoghese”, 1991; “Uma voz do diálogo luso-italiano na época de Quinhentos, a do Fidalgo de Chaves”, 1991; “Padre António Vieira nella Roma di Clemente X”, 1997), entre outras intervenções. Foi membro do Conselho Científico da Revista de *Estudos Italianos em Portugal*, publicada pelo Instituto Italiano

de Cultura em Lisboa, como acima referimos; orientou teses de Doutoramento sobre matérias da área científica de Estudos Italianos (Rita Marnoto, *O petrarquismo português do Renascimento e do Maneirismo*, 1994; Manuel Ferro, *A recepção de Torquato Tasso na épica portuguesa do Barroco e Neoclassicismo*, 2004); participou nos Encontros de Italianística, organizados pelo Instituto de Estudos Italianos da Faculdade de Letras de Coimbra, e logo no primeiro, realizado em 25 de Fevereiro de 2003 e subordinado ao tema “Caminhos da Italianística em Portugal”, apresentou uma comunicação acerca de “A teoria e os paradigmas italianos no Barroco português”, e no segundo, que decorreu a 4 e 5 de Março de 2004, sobre “O petrarquismo entre Portugal e a Itália”, tratou da canção à Virgem de Petrarca e do seu impacto nos poetas portugueses de Quinhentos; sempre disponível a cooperar em actividades semelhantes, já perto do fim, ainda intervém no Colóquio de Homenagem a Giuseppe Carlo Rossi (1908-1983) no Centenário do seu Nascimento, no Instituto Italiano de Cultura em Lisboa, em 8 de Dezembro 2008, com uma alocução sobre “Giuseppe Carlo Rossi, o fundador da luso-italianística moderna”. Em termos administrativos, foi exemplar a forma como dirigiu o Instituto de Estudos Italianos da Faculdade de Letras durante cerca de duas décadas, até ser substituído em tais funções pela Doutora Rita Marnoto, em 1995. Pelo facto, não constituiu surpresa quando foi feito comendador da *Ordine al Merito della Repubblica Italiana*, tendo recebido a “Targa d’Argento”, concedida pelo Presidente da República Italiana, em reconhecimento da actividade desenvolvida no âmbito das relações culturais entre a Itália e Portugal.

Por todos estes motivos, a sua perda deixou-nos mais pobres e, hoje, resta-nos seguir-lhe o exemplo, aproveitar o seu legado – as suas lições de vida –, e fazer frutificar o seu vasto Saber.

Manuel Ferro